

POLÍTICA

BASTIDORES

Para banqueiros e industriais, presidente cogita dar ao ex-ministro cargo no primeiro escalão. Plano incluiria pasta da Fazenda já em 2008

Lula sonda empresários sobre imagem de Palocci

UGO BRAGA
DA EQUIPE DO CORREIO

Jose Varella/CB - 11/9/07



PALOCCI DESCARTA ESPECULAÇÃO: "SE FOSSE VERDADE, EU NÃO FALARIA. COMO NÃO É, EU NEGO"

Corre num círculo restritíssimo de banqueiros e industriais brasileiros uma história segundo a qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva iniciou costura para reerguer o ex-ministro da Fazenda e atual deputado federal Antonio Palocci (PT-SP). O intuito é fazer dele seu potencial sucessor. Em conversas mantidas a ferro e fogo nos bastidores, diz-se que Lula estaria disposto a bancar até mesmo a recondução de Palocci ao Ministério da Fazenda já em 2008. Começaria então a construção de uma candidatura petista ao Palácio do Planalto na eleição de 2010.

Lula e Palocci estiveram juntos na noite da última terça-feira. Conversaram por mais de uma hora. Executivos de uma grande empresa nacional falaram desse encontro ao longo da semana como se ele fosse um fato digno de nota, não um mero despacho político. A despeito de negar qualquer sondagem para voltar à Fazenda, o próprio ex-ministro confirma a reunião. Diz ter tratado somente dos planos do governo para a prorrogação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) pelos próximos quatro anos. Palocci relatou a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) na Câmara e tornou-se o principal negociador dela no Senado — naquela, agindo de público, neste, dos bastidores.

Vacinado

As conversas de Lula com o alto empresariado a respeito de Palocci tiveram natureza exploratória. O presidente queria saber qual a imagem do ex-ministro depois do furacão que o varreu da Esplanada — a quebra criminosa do sigilo bancário do caseiro Francenildo Santos Costa, em 2005. Percebeu aceitação ótima. Restou claro que Palocci receberá todo o apoio do grande capital brasileiro, se o presidente resolver mesmo bancá-lo. E mais, o prestígio dele junto à banca internacional não sofreu qualquer rachadura desde sua demissão.

Sobre o escândalo propriamente dito — o envolvimento de

Palocci com um grupo de lobistas de Ribeirão Preto (SP), atestado em depoimento formal por Francenildo, daí a quebra de seu sigilo, para desacreditá-lo como testemunha —, já haveria vacina disponível. A investigação da Polícia Federal pesa mais sobre os ombros do então presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Mattoso, do que sobre os do ex-ministro.

O caseiro mantinha uma conta-poupança na Caixa. Logo depois do testemunho que deu na CPI dos Bingos constrangendo Palocci, surgiu a informação de que havia nela quantidade suspeita de dinheiro. Em tese, tratava-se de indício de que Francenildo recebera propina em troca das declarações contra o então último pilar do governo Lula. Depois provou-se que os fundos nada tinham de suspeitos. Era dinheiro deposi-

tado pelo pai biológico, um empresário piauiense, em troca do silêncio do filho bastardo. A PF conseguiu provar com substância a culpa de Mattoso, presidente da Caixa e guardião legal das informações bancárias dos clientes. Mas não obteve provas definitivas de que Palocci ordenou a quebra do sigilo de seu algoz. Um culpado claramente identificado seria resposta suficiente numa campanha presidencial.

Ida e vinda

A reabilitação de Antonio Palocci articulada diretamente pelo presidente da República é novidade. Mas algumas semanas atrás, um grupo de petistas da tendência interna chamada Construindo um Novo Brasil, antigo Campo Majoritário, no qual perfilam Lula, José Dirceu e o próprio Palocci, pres-

sionou o ex-ministro a se candidatar à presidência do diretório paulista do PT. Atualmente ocupado por Paulo Frateschi, do mesmo grupo, o cargo será disputado na eleição interna de dezembro. E seria uma forma de trazer Palocci à ribalta novamente, preparando-o para 2010. O caso não foi adiante porque o próprio propenso protagonista não topou.

Agora, o caso é diferente. O projeto teria financiamento do grande eleitor do país, o presidente da República, e receberia apoio irrestrito de todo o PT, que, assim como Lula, não quer que a campanha de 2010 aconteça sem um candidato do partido. De público, por ora, Palocci se esconde como pode. "Se fosse verdade, eu não falaria. Como não é, eu nego", diz, serenamente. O Palácio do Planalto manteve silêncio sobre o assunto.

REELEIÇÃO

Bloquinho prepara nova PEC

FERNANDA ODILLA
DA EQUIPE DO CORREIO

Jose Varella/CB - 12/9/07



PAULINHO DA FORÇA REÚNE ASSINATURAS PARA PROPOSTA QUE ACABA COM MANDATOS CONSECUTIVOS

Deputados federais do bloquinho de esquerda (PSB, PCdoB, PDT, PHS, PMN e PRB) estão recolhendo assinaturas para mais uma proposta que acaba com a reeleição e estabelece mandato de cinco anos para prefeitos, governadores e presidente da República. Será o 44º projeto sobre o tema na Câmara. O objetivo dos autores da proposta — Paulinho da Força (PDT-SP) e Márcio França (PSB-SP) — vai além de mudar as regras das próximas eleições presidenciais. Eles querem marcar a insatisfação do bloquinho com o movimento para garantir o terceiro mandato ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

"Até a próxima quarta deveremos ter todas as assinaturas", prevê Paulinho, convencido de que tem garantidas 79 delas. Ele precisa do apoio de 171 deputados para protocolar a PEC. De todas as 43 propostas sobre o tema que tramitam na Câmara, 11 acabam com a reeleição e fixam um man-

dato de cinco anos para os cargos do Executivo. Antes de começar a recolher assinaturas, o deputado do PDT procurou o colega Ciro Gomes (PSB-CE), principal nome do bloquinho para a Presidência em 2010. Ciro não pôs empecilhos, tampouco demonstrou interesse em ser o porta-voz da proposta.

Ciro Gomes diz que não fala uma vírgula sobre o tema. "Qualquer item de reforma política não tem consenso aqui", avalia. O de-

putado do PSB fez aniversário na última terça-feira. Comemorou na quarta, numa festa em que o terceiro mandato foi objeto de discussão entre os convidados. Integrantes do bloquinho não se convenceram de que o movimento pró-terceiro mandato para o presidente Lula foi completamente estancado. Na terça-feira, Lula "puxou a orelha" do deputado Devanir Ribeiro (PT-SP), autor da proposta que garante ao presi-

dente a prerrogativa de convocar plebiscitos, inclusive sobre reeleição infinita. Devanir prometeu tirar do projeto todos os itens referentes à reforma política.

Ainda assim, integrantes do bloquinho acham prudente marcar a posição contrária ao terceiro mandato. Convencidos de que esse episódio desgastou a relação com o governo, eles querem tentar emplacar a discussão sobre o fim da reeleição.



e-mail alon.feuerwerker@correioeweb.com.br



Radicalismo senatorial e zona franca

Uma curiosa inversão acontece na política brasileira de anos para cá. Classicamente, no regime bicameral os deputados são mais impetuosos, enquanto os senadores costumam fazer o contraponto com sua moderação. No Brasil tem sido o contrário. A explicação imediata é a maioria governista do Senado ser mais frágil do que a da Câmara dos Deputados. Tal explicação, entretanto, não passa de uma tautologia. Dizer que o governo tem problemas no Senado porque é mais fraco no Senado é apenas um exercício em que o fenômeno tenta se explicar por si próprio.

Explicações à parte, o Senado é mesmo um terreno minado para o governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Os problemas começaram já em 2003, quando os senadores impuseram ao Palácio do Planalto a tramitação da PEC paralela da reforma previdenciária — para atenuar os efeitos das mudanças desejadas pelo governo — e a amputação da reforma tributária. Continuaram em 2004, com a derrubada da medida provisória que proibia os bingos e a rejeição da proposta do governo para o salário mínimo. E atingiram o auge em 2005-2006, com a CPI dos Bingos. Que fez história por dois motivos: escarafunchou por todo canto em busca de delitos cometidos pelo presidente da República e acabou chegando a lugar nenhum.

Ano novo, mandato novo, mas com os velhos problemas. Cá está novamente Lula às voltas com um Senado que agora coloca pedras no caminho da prorrogação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) e da Desvinculação de Receitas da União (DRU).

Dois terços da atual composição do Senado foram eleitos ainda no governo Fernando Henrique Cardoso. E o terço restante, contemporâneo da vitoriosa campanha de Lula pela reeleição, nem é assim tão favorável ao governo, já que a escolha dos senadores, ao contrário da do presidente, é em turno único. Ano passado, como se sabe, Lula foi vítima de uma onda eleitoral contrária na reta final do primeiro turno, quando se elegeram os senadores. No segundo turno a onda mudou de sentido, mas isso não teve qualquer influência na composição do novo Congresso. Eis um assunto para a eventual reforma política: por que não mandato de quatro anos e eleições em dois turnos também para os senadores?

A hipótese do parágrafo anterior, entretanto, tampouco dá conta de esclarecer por que afinal o governo Lula vive atolado na Câmara Alta. Tudo bem que Lula tem votos a menos no Senado. Mas por que nunca saiu a campo para buscá-los, consistentemente? Lula poderia recorrer a Maquiavel. Segundo *O príncipe*, "o desejo de conquistar é coisa verdadeiramente natural e ordinária e os homens que podem fazê-lo serão sempre louvados e não censurados". A passagem é citada por José Luís Fiori no prefácio do recém-lançado *O poder global*. Para Fiori, o "poder político é fluxo, mais do que estoque. Para existir, precisa ser exercido; precisa se reproduzir e ser acumulado permanentemente. E o ato da conquista é a força originária que instaura e acumula o poder".

Lula tem problemas no Senado porque nunca tratou de resolvê-los. Porque nunca decidiu, a sério, formar ali uma maioria sólida como a da Câmara dos Deputados. Onde, no auge da crise do mensalão, o governo foi capaz de vencer uma eleição extemporânea para a Presidência, com Aldo Rebelo (PCdoB-SP). No Senado, ao contrário, parece que o Palácio do Planalto se compraz com a permanente situação de refém. Sempre na dependência dos adversários. É um caso clássico de Síndrome de Estocolmo, em que o seqüestrado se encanta pelo seqüestrador.

A mitologia a respeito da lassidão presidencial nas relações com o Senado conta que Lula chega periodicamente a um beco aparentemente sem saída porque tem pouca paciência com as articulações políticas. Outra lenda reza que o governo prefere negociar com a oposição por esta, supostamente, exigir menos do que a base do governo. O segundo mito é particularmente engraçado. Basta fazer contas. Querem um exemplo? As informações que vêm do Palácio do Planalto e do Congresso contam que em troca da CPMF o governo teria topado o projeto que espalha zonas francas por todo o país. Sei lá, acho que se forem feitas as contas quem sabe cheguemos a uma conclusão surpreendente. Possivelmente concluiremos que se o preço para ter a CPMF por encher o Brasil de zonas francas talvez seja o caso de acabar de vez com a CPMF.

EIS UM ASSUNTO PARA A EVENTUAL REFORMA POLÍTICA: POR QUE NÃO MANDATO DE QUATRO ANOS E ELEIÇÕES EM DOIS TURNOS TAMBÉM PARA OS SENADORES?